

Savimbi: Entre Washington e Pretória

Jonas Savimbi, agente fléi do
imperialismo



O artigo que se segue é parte de uma análise do professor Aquino de Bragança, Director do Centro de Estudos Africanos, sobre o processo de libertação de Angola após o 25 de Abril, à luz das manobras de Lisboa e das potências imperialistas para defender os seus interesses.

Aquino de Bragança faz incidir a sua atenção sobre a trajectória de Savimbi, que foi utilizado como espião seguro do imperialismo neste processo. Começando por falar dos primeiros passos de Savimbi, logo após o 25 de Abril — contacto em 28 de Abril com um representante português, em Moxico — o autor mostra-nos como lentamente este fantoche foi ganhando audiência entre a minoria branca angolana, cujos interesses estavam seriamente ameaçados pelo crescimento da verdadeira luta de libertação e viram-se desamparados com o 25 de Abril.

Depois de 25 de Abril, ao mesmo tempo que o governo de Lisboa, procurava promover Savimbi, a burguesia colonial encarava este fantoche como «sábio» que vai dar solução ao seu problema. Savimbi renuncia, nesta altura, àquilo que ele chamava de «marxismo anti-revisionista» e começa a defender a chamada «autodeterminação e descolonização progressiva».

Apesar de um certo apoio conquistado por este na parte do sul do país, a sua aliança com as forças favoráveis ao colonialismo português e ao imperialismo desacreditou-o entre o Povo e os dirigentes africanos mais lúcidos.

É neste processo que a África do Sul, apoiada pelas forças imperialistas, encara uma intervenção como solução. Savimbi é protegido pelos sul-africanos que «tratam de limpar o terreno para si».

Aquino de Bragança faz uma análise a esta situação até à intervenção sul-africana, que sofreu uma irreparável derrota. O texto que se segue, como dissemos, é parte dessa análise. Extraído do segundo número da revista semestral «Estudos Moçambicanos» ela fala particularmente do processo de intervenção sul-africana a Angola.

Ela foi feita há algum tempo e situa-se num passado, cuja retrospectiva nos fornece uma ideia substanciada de como o imperialismo (a CIA) foi utilizando Savimbi para os seus interesses.

Desta vez, o regime da RSA vai justificar a sua intervenção como sendo um «gesto» destinado a salvarguardar os trabalhadores «Ovambo» da barragem, que estariam «ameaçados» pela guerrilha da SWAPO. Entretanto, reafirma oficialmente aos novos governantes de Lisboa que não se intrometerá nos assuntos internos de Angola.

Com efeito, Pretória ainda não decidiu se vai ou não intervir militarmente na questão angolana...

Uma querela surda opõe, no seio do Governo do «apartheid», os partidários de uma intervenção directa-aos

que não receiam ver instalado em Luanda — à imagem do Moçambique «marxista» de Samora Machel — um governo com participação do MPLA.

Enquanto o Ministro da Defesa, P. K. Botha e o Comandante-em-Chefe das Forças Armadas, o general Magnus Malan, não escondem a sua vontade de neutralizar as «bolsas» (bases) da SWAPO em Angola (1), o general Hendrik Van der Bergh — o poderoso «patrão» dos serviços de segurança (BOSS) e «arquitecto» da política de «détente e diálogo» advogada pelo Primeiro-Ministro John Vorster — opõe-se àquela política.

Para isso, apoia-se no facto dos «Ovambo» angolanos terem feito saber, desde Maio de 1975, que não se submeteriam às novas autoridades de Luanda. Assim, uma política hábil de Pretória poderia — no entender de Van der Bergh — levar à formação de uma espécie de Bantustão — o «Groter Ovambo» (Grande Ovambo) — que englobaria os Ovambo angolanos e namibios e que serviria para travar as ambições da SWAPO.

Esta era a posição que parecia «razoável» ao Primeiro-Ministro, caloroso partidário da política de abertura e diálogo com os Estados africanos «moderados». No entanto, os acontecimentos vão-se precipitar... e levar Vorster a mudar de opinião.

Depois da derrota no Vietname, o Secretário de Estado Henry Kissinger não esconde que os Estados Unidos estão dispostos a demonstrar a sua resolução e vontade de resistir à «expansão soviética» em todo o mundo. Por outro lado está seguro — segundo se depreende das afirmações dos seus colaboradores e confidentes do Departamento de Estado — de que «Brejnev não sacrificará 10 anos de «détente» por um Estado-Cliente em África» (?). Kissinger deseja afastar — se necessário pela força das armas — o MPLA «pró-soviético» dos caminhos do poder. No entanto, a maioria dos seus colaboradores do Departamento de Estado e dos Senadores — partidários de uma solução diplomática — opõe-se à aventura.

Que fazer? Kissinger encontrou a resposta: a República sul-africana é um país «amigo» cujos interesses estratégicos nessa zona de tempestade que é a África Austral não são muito diferentes dos Estados Unidos. Uma intervenção sul-africana «discreta», apoiada pela CIA e «caucionada» pelos «moderados» africanos da OUA, seria suficiente para «eliminar» o abcesso comunista — leia-se o MPLA — em Angola.

A operação não é simples. Kissinger está bem informado sobre a África do Sul. Ele não ignora de forma alguma as posições do general Van der Bergh (as relações CIA/BOSS são excelentes, a crer no que afirma a bem informada «Newsweek» de 17 de Maio de 1976). Assim, Kissinger vai encarregar o general Brent Scowcroft, seu sucessor no Conselho Nacional de Segurança (da Casa Bran-

ca), de tomar conta desta questão delicada.

Os Serviços Secretos israelitas (Mossad), bem colocados no interior da pátria do «apartheid», serão chamados a substituir-se à CIA, demasiado comprometida com a BOSS, para efectuarem os necessários «contactos». Vorster mostra-se «sensível» aos argumentos de Kissinger mas não está decidido a pôr termo ao debate que opõe o seu Ministro da Defesa Botha ao velho general Van der Bergh.

É nesta altura que surge em cena o Presidente Mobutu que mantém, há longa data, relações discretas e frutuosas com Pretória.

Jonas Savimbi encontrou-se, pouco antes, com o Chefe de Estado zairota para pedir um auxílio consequente para combater o MPLA, que recobrou forças. Mobutu, decidido já a intervir no norte angolano com o seu exército em apoio da FNLA, recomenda-o aos seus «amigos» sul-africanos.

O Presidente da UNITA, que já se encontrou em Paris (Março de 1975) com emissários do general sul-africano Magnus Malan, deslocar-se-á (em princípios de Setembro de 1975) a Ruptu, cidade fronteiriça da Namíbia.

Nas suas conversações com os colaboradores próximos do Primeiro-Ministro sul-africano, Jonas Savimbi vai assegurar-los de que uma eventual intervenção sul-africana em Angola ao lado da FNLA e da UNITA, será apoiada pelos Estados «moderados» da OUA, nomeadamente o Zaire, a Zâmbia e a Costa do Marfim. (3)

Seguro do apoio que conta receber da África «moderada», encorajado pelo «poderoso» Secretário de

Estado americano, Vorster dá luz-verde ao seu Ministro da Defesa, para este passar à acção directa em Angola.

A intervenção do Presidente Mobutu junto do Governo sul-africano para levar este último a apoiar a FNLA e a UNITA tinha sido «decisiva». (4)

A 23 de Outubro de 1975, uma coluna motorizada de cerca de 1 000 a 1 500 homens vai penetrar no sul angolano. Uma segunda coluna entra em acção a 15 de Novembro, com o apoio aéreo de helicópteros «Alouette III» e aviões «Puma». Uma terceira coluna intervém em Dezembro.

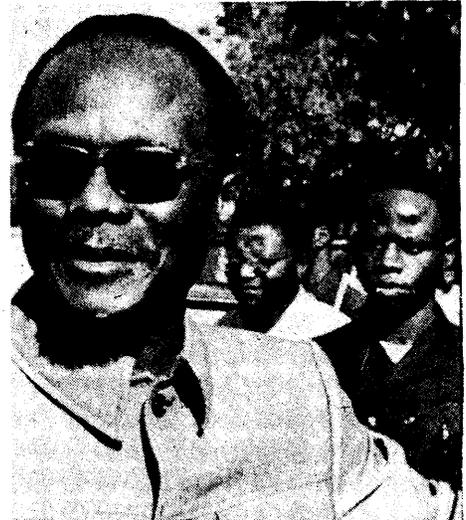
As tropas sul-africanas avançam até 700 quilómetros no interior de Angola e «libertam» vastas zonas para aí instalarem os seus «protegidos» da UNITA e da FNLA.

No Norte, «libertado» pelo exército zairota, a FNLA, apoiada por um grupo de mercenários portugueses avança sobre a capital, Luanda.

A 11 de Novembro — data prevista pelos Acordos de Alvor — o MPLA proclama a independência do país e apela a Cuba socialista, que sempre apoiou este movimento. Fidel irá em seguida organizar uma verdadeira ponte aérea para transportar um corpo expedicionário de milhares de homens. Eles irão reforçar as FAPLA, que conseguiram «parar» os invasores às portas da capital. Os sul-africanos são postos em debandada pelo potencial de fogo dos carros T54 e mísseis SAM-7 utilizados pelos seus adversários.

Severamente condenado pela opinião pública africana, «esquecido» por Kissinger — que no entanto se tinha comprometido em associar-se a esta aventura — Vorster decide, em princípios de Março de 1976, retirar as suas tropas de Angola. Entretanto criticara vigorosamente os «seus» aliados americanos pela sua passividade e «derrotismo», complexo herdado da derrota no Vietname (5). Simultaneamente, a UNITA e a FNLA sofrem uma derrocada completa e praticamente desaparecem — Savimbi e seu estado-maior refugiam-se na Namíbia — da cena política angolana.

Em 8 de Fevereiro de 1980, declararia Jonas Savimbi numa entrevista ao semanário português «O País»: **«Uma guerrilha não pode existir em Angola, não pode sobreviver apenas com os apoios externos. É preciso**



Holden Roberto,
aliado de Savimbi

que tenha algo de específico, de próprio, de genuíno».

Os sul-africanos, entretanto, têm o dirigente da UNITA em grande estima e não irão abandoná-lo.

Jonas Savimbi dispõe ainda de alguns recursos: incapazes de deterem a ofensiva das FAPLA, os dirigentes da UNITA, que se tinham conseguido implantar nos **altos planaltos**, exortam as populações da zona a abandonar os seus lugares. Assim, milhares de camponeses engajam-se na guerrilha das florestas pouco acessíveis, aguardando um eventual regresso dos seus líderes. Savimbi dispõe no local de um campo de manobra não negligenciável, tanto mais que fez passar pelas armas os «assimilados» Ovibundu, suspeitos de simpatias com o MPLA.

Será ele capaz de enquadrar os camponeses, concedendo-lhes um novo sopro político? Poderá ele desestabilizar o regime «marxista» angolano? Servirá ele, finalmente, de instrumento para a criação de um Estado-tampão no Sul para travar a SWAPO? Eis as perguntas que se fazem e que correspondem a outros tantos projectos dos senhores do «apartheid».

Pretória já instalou no sul da Namíbia campos de treino «Ondangwa, Changwera, Kandú) para os Ovambo anti-SWAPO. Estes campos vão acolher os refugiados angolanos. Treinados por oficiais sul-africanos, peritos em contraguerrilha, serão seguidamente helitransportados para as antigas zonas de influência da UNITA e



para o território que corre ao longo do Caminho de Ferro de Benguela. Muito rapidamente, estes novos «combatentes» da UNITA irão passar à acção directa contra alvos ditos «estratégicos»: ataques bombistas assolam o CFB, destroem os circuitos comerciais e as culturas alimentares, nomeadamente nas províncias de Huambo e Bié.

Paralelamente, estes «novos terroristas» vão servir de «guias» às forças sul-africanas que exercem o «direito de perseguição» nas zonas fronteiriças em busca das bases da SWAPO.

Savimbi poderá então reivindicar «brilhantes» vitórias: o CFB deixou praticamente de funcionar, tendo perdido 20 das suas 25 locomotivas ultramodernas» (Diesel). A produção alimentar, paralisada no que fora outrora um celeiro do país, deixou de fornecer os centros urbanos...

Esta actividade de «terrorismo selectivo» surpreende desagradavelmente o MPLA, que leva tempo a adaptar-se à nova situação. É certo que as FAPLA, melhor equipadas, vão responder, taco a taco, às incursões da contraguerrilha, mas é uma «paciente» ofensiva política — uma política de promoção e diálogo aberto com as populações, uma política que exclui toda e qualquer represália étnica — que vai assegurar ao MPLA nova vitória sobre a UNITA.

Em fins de 1979, os camponeses, refugiados nas fronteiras, vão regressar massivamente aos seus lares. Eles deixaram de acreditar na UNITA.

Em princípios de 1980, o CFB reinicia lentamente a sua actividade, transportando os preciosos manganês zairota e cobre zambiano para o porto atlântico do Lobito. As previsões desta linha férrea para o ano de 1981 são excelentes — 70 000 toneladas por mês. Em 1982, deverá alcançar 96 000 toneladas por mês — quer

dizer, praticamente as 100 000 tn dos anos 1973/74.

Savimbi parece ter perdido o apoio do «seu» povo. Mas dispõe ainda do apoio «residual» das populações do Sul que lhe permite fazer — a partir de «bases» situadas na Namíbia ocupada — incursões e ataques isolados contra pequenas cidades indefesas — uma espécie de «terrorismo urbano» contra os mesmos Ovimundu e Ovambo que pretendia defender.

Entre fins de Julho e meados de Outubro de 1980, a RSA lançou 22 ataques contra o sul de Angola. Os prejuízos causados por estes raides cifram-se em mais de 40 milhões de libras esterlinas.

Que querem os sul-africanos?

— Instalar a UNITA no interior do país, antes que se iniciem as conversações com a SWAPO sobre o futuro da Namíbia — confiou-nos Lúcio Lara, Secretário-Geral do MPLA.

Quanto tempo irão poder manter aquela situação?

Com a independência da Namíbia, que deve estar para breve, a resposta não parece difícil.

«Se ele (Savimbi) quer salvar a pele, aconselho-o a escolher a liberdade junto dos seus «patrões», quer dizer, fora da Namíbia.» Talvez na África do Sul porque é «difícil» — segundo nos confidenciou o Presidente Sam Nujoma — distinguir os «bandidos da UNITA das forças de ocupação do nosso país».

(1) J. H. P. Serfontein, no seu importante livro, *Namíbia?*, Fokus Suid Publishers, 1976. Nesta obra o autor revela pela primeira vez os antecedentes e os bastidores do conflito que opôs Botha a Van der Bergh.

(2) Revista norte-americana *Time* de 22 de Janeiro de 1976.

(3) Revelações feitas ao jornal «afrikaner» pró-governamental *Rapport*, a 15 de Fevereiro de 1976.

(4) Franz Wilhelm Heimer, *Decolonization et légitimité politique en Angola*, *Revue Française d'Études Politiques*, n.º 126, Junho de 1976, pá. 65.

(5) *Jornal sul-africano Star*, de 6 de Janeiro de 1976.



Mercenário sul-africano falando à informação depois de capturado pelas forças angolanas